

Luíza Ferreira Pontes

"A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original".

Albert Einstein

### **Era de readaptações no ensino**

Desde que a pandemia do coronavírus se instalou no mundo, cerca de 1.5 bilhões de estudantes ficaram fora da escola em mais de 160 países, segundo relatório do Banco Mundial. O Brasil adotou o fechamento total de escolas e das universidades, dando início a uma nova era, a da primazia do ensino remoto e/ou a distância.

A partir disso, os professores e os alunos, agentes fundamentais no processo de '*ensinoaprendizagem*', viram-se diante de um contexto inusitado, buscando alternativas com o objetivo de preservar o direito à educação. Entretanto, as classes sociais de baixo poder aquisitivo passaram, e ainda passam, por dificuldades nessa readaptação.

Como exemplo disso, cito a minha própria experiência como estudante de Pedagogia. No ano de 2020 daria início a minha prática de estágios. Em março, comecei a ser mediadora de uma Escola Municipal. Lá, era responsável por auxiliar crianças especiais nas atividades em sala de aula, com a finalidade de tornar a escola mais inclusiva e igualitária. Contudo, após duas semanas estagiando, a pandemia fechou as portas da escola, e o ensino remoto, aplicado nas escolas e universidades privadas, não obteve sucesso, levando em consideração as realidades dos alunos envolvidos, ou seja, a falta de acesso à internet e aos aparelhos eletrônicos. O fechamento resultou, entre outras coisas, na suspensão do meu estágio, que mal tivera início.



Fonte: Google Imagens



Fonte: Google Imagens



Fonte: Google Imagens

No âmbito das universidades, não foi muito diferente, em tese os professores do ensino superior são mais familiarizados com as ferramentas de ensino remoto e/ou a distância, no entanto, também precisaram se adaptar às atividades estritamente online. A partir disso, aplicativos foram disponibilizados para a efetuação dos encontros, e plataformas criadas com o objetivo de disponibilizar os materiais de maneira organizada. E mais uma vez, a rede pública ficou prejudicada em relação à rede particular, e o mesmo aconteceu entre as diferentes camadas das classes sociais.

Tendo em vista o meu caso, estudante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, a volta das atividades acadêmicas só aconteceu no segundo semestre do ano. Isso se deveu ao demorado estudo realizado com os alunos, verificando as possibilidades de acesso ao meio eletrônico. Durante os meses sem aula, foram

disponibilizados palestras, vídeos e indicações de filmes e textos. Ao mesmo tempo em que a ansiedade almejava a volta às aulas, o medo e a preocupação surgiam.

Em agosto, depois de muito planejamento e organização, o ensino remoto foi implantado. A UERJ distribuiu tablets e chips de internet para os alunos que não tinham acesso a tais recursos. E as aulas foram distribuídas cuidadosamente, para não prejudicar ninguém. Atualmente nossos dias são basicamente passados em frente às telas, assistindo a aulas, fazendo os trabalhos ou lendo os textos acadêmicos.

É de suma importância ressaltar que esse período é novidade para todos e, devido isso, está sujeito a mudanças. Por isso, é fundamental a comunicação entre os docentes e discentes. Enquanto este período não passa, continuamos nos readaptando e aprendendo, para no final colher novos aprendizados e conhecimentos, afinal, como Albert Einstein diz, "A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original".

### **Referências:**

ESTUDOS sobre educação e o impacto da pandemia do coronavírus. **Instituto Ayrton Senna**, publicado em 31.07.2020 ÀS 18:42. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/socioemocionais-para-crisis/estudos-educacao-e-impacto-coronavirus.html>

### **Sobre o autor:**

Luíza Pontes é estudante do terceiro período do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.